

# Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim Bimestral - Ano VIII, nº 42, Maio / Junho de 2010

Director: P. João Curralejo



Associação de Imprensa  
de Inspiração Cristã



## BENTO XVI

Visita do Papa a Portugal

### *Os Discursos e a Mensagem*

Tenho diante de mim os textos dos discursos, saudações e homilias de Bento XVI durante a sua visita a Portugal. São 28 páginas de folhas A4, escritas em tipo 12. Depressa se faz a sua leitura informativa e rectilínea, mas sente-se logo não ser essa a leitura mais correcta.

1 - Os textos do Papa não são um discurso académico e cerebral, lições de um professor ou orientações secas de um pastoralista, mas testemunhos do coração de um crente que meditou e reza pelo mundo actual.

Também não são torrentes afectivas de emoção, à margem da inteligência. Os textos do Papa supõem profundas reflexões teológicas, contêm análises atentas da sociedade actual, da história de Portugal antigo e recente, da complexidade da cultura moderna, mas tudo isso é enquadrado na perspectiva de quem rezou sobre os factos. Deste modo, revelam estudo mas ultrapassam o professor. Bento XVI fala como uma testemunha de Jesus Cristo.

2 - Os discursos podem ser lidos isoladamente conforme os seus destinatários: a Vocação histórica de Portugal, a Cultura e a história, a Mensagem de Fátima, os Pastores da Igreja e os Consagrados, o Apostolado social, a Missão da Igreja. E podem ser lidos transversalmente, encontrando neles seis ideias centrais: Portugal na Comunidade europeia, os paradoxos da Cultura moderna, a perenidade da Mensagem de Fátima para a Igreja e

Cont. pág. 4

as missas  
com o papa



silêncio e  
adoração  
p. 3

Ano  
sacerdotal



terminar  
avaliar...  
p. 5

Clero



em  
Murça  
p. 6

alunos  
EMRC



em  
V. Real  
p. 6

## Peregrino com os peregrinos

No passado mês de Maio, entre os dias 11 e 14, tivemos a visita apostólica a Portugal de sua Santidade Papa Bento XVI. A sua visita apostólica foi a de um autêntico peregrino, desde Lisboa, passando por Fátima até à despedida no Porto.

Nesta visita mostrou-

se profundamente próximo com o Povo de Deus, que também, e como não podia deixar de ser, correspondeu de forma entusiasmada ao se concentrar ao longo do percurso que o Papa percorreu para saudar de forma calorosa o sucessor de Pedro, que os brindava com um simples e ter-

no sorriso. Esta dimensão humana de proximidade, contrariou a opinião que muitos tinham, ao dizerem que era uma pessoa fria e pouco próxima.

Durante a sua estadia transmitiu, ao povo português, uma palavra de esperança, que expressou de uma forma bela nas vá-

rias homilias: no Terreiro do Paço, em Lisboa, falou “da necessidade de os cristãos serem semeadores da esperança”, enquanto em Fátima, apresentou ao “Imaculado Coração Maria as alegrias e esperanças, os problemas e sofrimentos do mundo inteiro”. A 13 de Maio, ainda em Fátima, Bento XVI lembrou na homilia que as aparições marianas “falam de

uma mensagem exigente e consoladora, centrada na oração, na penitência e na conversão, que nos leva a superar as dificuldades da história, convidando a humanidade a cultivar a grande Esperança”. Na eucaristia no Porto, a 14 de Maio, insistiu “no compromisso para a missão”. De uma forma geral a mensagem de esperança que o Papa deixara centra-se em Cristo, “fonte e cume de toda a esperança”.

Toda esta peregrinação do sucessor de Pedro por Portugal trouxe um novo alento e também muitos conselhos que devem ser reflectidos e aprofundados, sempre nesta ligação a Cristo. A nossa fidelidade a Ele consegue-se, tal como nos diz o Papa, se formos verdadeiras testemunhas de Cristo Ressuscitado, e deixar que a nossa vida se configure com o Seu evangelho.

*Helder Libório, aluno do 6º ano de Teologia*



## RETALHOS DE UMA VIDA...

O “pequeno” Cura d’Ars movia as almas com o seu ministério sacerdotal, disponibilidade, entrega e escuta.

Os peregrinos de Ars difundiam-na ao longe e ao largo, de modo que vinham pelas estradas das Dombes curiosos, até descrentes, que, na maior parte dos casos, de lá voltavam estupefactos, confusos e transformados. A imprensa começava a desvelar os acontecimentos que lá decorriam e a perguntavam-se pelo motivo que levava aquela gente a percorrer quilómetros para se encontrarem com o pobre pároco da aldeia. Nas lojas próximas da igreja, vendiam-se estampas com a figura do santo cura, o que bastava para o fazer zangar-se: “É o meu carnaval”, dizia ele, mostrando-as. Expulsou o escultor que teve a imprudente audácia de lhe pedir licença para fazer a sua estátua. Quando o bispo lhe enviou a murça de cônego honorário, o santo

agradeceu-lhe muito amavelmente, mas logo vendeu o inútil ornamento e pôs o dinheiro ao serviço dos pobres. Quanto à medalha da Legião de Honra que o sub-prefeito de Trévoux conseguiu para ele, recusou-se evidentemente a colocá-la ao peito e imediatamente a deu de presente, visto que era um objecto sem valor comercial e inútil para as suas obras de caridade. Nada lhe iria faltar para entrar na história da sua vida. Nada: nem sequer a ácida inveja de alguns dos seus confrades ou a gritaria daqueles a quem incomodava, ou até as cartas anónimas e as injú-

rias. A todos os ataques respondia afirmando que os piores tratamentos eram ainda suaves demais para um asno e um pecador da sua laia, o que deixava envergonhados os cínicos.

A derradeira luta final foi travada com o seu próprio interior, resistindo à fraqueza humana, dando-se nessa mesma miséria àqueles que o procuravam para encontrarem sossego



na sua vida.

Nos últimos dias de Julho de 1859, a morte, cuja chegada anunciara, veio arrancá-lo por fim à sua tarefa sem medida. Morreu na noite de 3 de Agosto, de olhos voltados para o Céu, “com uma expressão extraordinária de fé e de felicidade”, no dizer de uma testemunha. E logo acorreram multidões, massas imensas de gente, em que se misturavam os ricos e os pobres e entre todos esses juntaram-se muitos padres e o novo bispo de Belley, que se deslocou a pé desde Meximieux, a quarenta quilómetros, “sem fôlego, comovido, rezando em voz alta”. Ars bem sabia que tinha acabado de perder um santo.

João Vianney vai ressendo ainda mais no coração daqueles inúmeros peregrinos que ainda hoje acorrem à pequena localidade de Ars para se encontrarem com os locais em que ele rezou,

celebrou, chorou, confessou... Enfim, os lugares onde ainda hoje, através dele, muitos chegam a Cristo, o seu Senhor e seu Tudo.

*Pedro Ribeiro, aluno do 6º ano de Teologia*

## FICHA TÉCNICA

### Igreja Diocesana de VILA REAL

*Boletim oficial da Diocese de Vila Real*

#### Propriedade

Centro Católico de Cultura

#### Equipa de Redacção

P. João Batista G. Curralejo  
P. Henrique Ferreira Oliveira

#### Administração

P. António Paulo Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1  
5000-669 VILA REAL  
Tel. 259322034  
Fax. 259378346

E-mail: [ccc-vr@mail.pt](mailto:ccc-vr@mail.pt)

#### Impressão

Minerva Transmontana  
Tipografia L.da  
R. D. António Valente da Fonseca  
5000-539 VILA REAL

## As missas com o papa: silêncio e adoração

Neste ano da Vista do Papa a Portugal, gostaria de trazer para aqui alguns elementos das celebrações eucarísticas a que Sua Santidade presidiu por serem um incentivo para a nossa formação e comportamento.

1 - Em primeiro lugar, o facto de o Papa ter assinalado a sua presença em Lisboa e no Porto com a celebração da Missa.

É que, de facto, a Igreja não tem nada mais sério e festivo para oferecer ao mundo que a Eucaristia. É o seu tesouro, a fonte donde tudo parte e o cume para onde tudo converge. Isto não quer dizer que a Missa seja a única celebração católica nem que deva celebrar-se sempre. Pelo contrário, o chamar-se «cume» indica claramente que há outros passos que é preciso dar primeiro para chegar lá, como sejam desenvolver a capacidade de ouvir e de pensar, o desenvolvimento dos sentimentos basilares de fé, de adoração, de contemplação, de arrependimento e de capacidade de reunir e fazer comunhão com outros. Sem esses sentimentos bem interiorizados, dificilmente se pode celebrar ou participar numa Missa. Esta é, na ausência desses sentimentos, a causa de muita gente não ir à Missa e dizer que não gosta da Missa. Seria como pretender ir a um concurso de dança quem não sabe segurar a chinela nem controlar o coro. Torna-se hoje necessário recordar esta verdade dada a quebra que se tem verificado um pouco por toda a parte, devido à perda do sentido do sagrado e também da enorme dificuldade de as pessoas se concentrarem.

2 - Este é o segundo aspecto a sublinhar nas celebrações do Papa.

Efectivamente, foi eloquente o silêncio criado no Terreiro do Paço depois da distribuição da Comunhão. Nem foi preciso pedi-lo. A atmosfera espiritual criada até então gerou o silêncio.

O mesmo se deve dizer da assembleia em Fátima, ainda que aí já fosse previsível um tal comportamento. Vale a pena recordar que na oração do Terço a que o Papa presidiu na capelinha das Aparições na noite do dia doze, o silêncio e a concentração não foram menores. Para isso muito contribuiu a concentração do Papa e o gesto de ajoelhar e de piedade do Papa: sem qualquer gesto espectacular, sem lenços brancos a acenar, bastando o acender das velas e a bellissima reflexão bíblica e teológica da luz da sarça ardente aqui prolongada pela luz de Cristo, de que «todos, incluindo Nossa Senhora, precisamos, pois «não temos luz própria».

O mesmo facto se notou na celebração no Porto: em plena Avenida dos Aliados e nas ruas convergentes, sem se verem

totalmente uns aos outros, aqueles milhares de pessoas, alguns em condições desconfortáveis, souberam cantar e souberam guardar



um silêncio religioso profundo. Dizem os observadores de outras assembleias



de santuários congéneres que isto é típico de Fátima e do seu reflexo.

Não sei se todos repararam que, além do silêncio depois da Comunhão, o Papa guardou sempre um pouco de silêncio depois das homilias. É isso que a Igreja prescreve, mas que raramente se faz, umas vezes porque se falou demais e é preciso recuperar tempo e, outras, porque se deu

antigo quando o padre celebrava de costas para o povo, sentindo todos que olhavam para longe na mesma direcção. Com a alteração da posição do altar, essa direcção interior tem de se manter, mas temos de convir que ela se torna mais difícil, e o padre é tentado a assumir-se como líder da assembleia, o que seria um erro. O gesto do Papa e dos mestres que o acompanhavam não irá certamente transformar-se em regra, mas fica como chamada de atenção muito oportuna.

Algo semelhante se pode dizer do gesto que o Papa cultiva de dar a Comunhão eucarística directamente na boca dos comunhantes que, muitas vezes, até se ajoelham. É que o gesto da distribuição da comunhão na mão, sendo intelectual e doutrinariamente correcta, não foi devidamente interiorizado e vem a constituir um peri-

go de banalização e quebra do respeito devido a Jesus Cristo na Eucaristia. Aos pais e catequistas tenho recomendado há muito que na Primeira Comunhão se coloque directamente na boca a Comunhão e se fale sempre de «receber Jesus» e não «receber a hóstia», ficando pelo sinal sacramental. Só a partir daí, se deve abrir a hipótese de elas escolherem outra hipótese, sem a impor, porque a comunhão na mão nunca foi uma obrigação para ninguém, ficando aos fiéis o direito de escolher. E não se venha falar do paralelo da Comunhão com a nossa refeição humana, onde o adulto come pela sua própria mão. As comparações claudicam e esta é uma delas. Eduque-se dignamente o povo, e deixe-se aos fiéis o direito de escolherem.

3 - Finalmente, não passou despercebido que no bordo do altar da celebração, em frente ao Papa, estava colocado um Crucifixo entre duas velas.

É um gesto novo que não vem nos livros litúrgicos, mas que o Papa usou pedagogicamente. Bento XVI vem a insistir há anos que a posição do altar voltado para o povo não pode significar que o padre «esteja a celebrar a Missa voltado para o povo», tendo o povo como objectivo da sua oração, como se tratasse de uma assembleia em que ele é o animador. Pelo contrário, o Padre e os fiéis celebram «voltados para Deus», o destinatário de toda a acção litúrgica.

Este sentimento era mais perceptível no rito

Joaquim Gonçalves  
Bispo de Vila Real

Papa em Portugal

*Os discursos e a Mensagem*

Cont. pág. 1

o mundo actual, traços da nova Evangelização, o Diálogo como método pastoral, e, subjacente a tudo isso, a teologia da Ressurreição de Jesus Cristo, a Escatologia cristã, a Eclesiologia de comunhão, a Oração cristã e os Sacramentos.

3 - O estilo, se fôssemos a defini-lo, dir-se-ia que em todos os seus discursos o Papa entra logo no assunto, sem prolegómenos desnecessários, e a habitual saudação protocolar é incluída no corpo do discurso, transformada em elemento doutrinário.

O Papa não repete as ideias no mesmo discurso como quem faz catequese a fazer apelo à memória. Propõe e avança, supondo haver nos destinatários vontade de aprender, de reflectir e de sentir.

A exposição é feita num clima de profunda afectividade, que dá calor à teologia sobre Jesus Cristo, a Igreja, a Escatologia, a Redenção, a Mensagem de Fátima, e aos compromissos sociais, aos dados da sociologia e da cultura. Mais que aristotélico, o discurso é agostiniano.

Tudo isso se exprime em vocábulos escolhidos, e sem adjectivos barrocos.

Por causa desta densidade pascal, todas as palavras são importantes, e os discursos dão a aparência de leves e breves, apeteendo pedir-lhe que fale mais.

Não falta a arte de dizer, ainda que ela esteja

oceanos para os cientistas e artistas portugueses como «navegantes do Bem, da Verdade e da Beleza» e convida-os a fazerem das suas vidas «lugares de beleza» e todas as pessoas a «olhar para as coisas últi-



sempre ao serviço da mensagem e do ouvinte, nunca cultivando a arte pela arte: o Presidente da República é tratado com a deferência merecida sem faltar um traço afectivo; na saudação aos agentes da cultura no Centro Cultural de Belém, portugueses «navegadores do

mas» e não somente para as «penúltimas», ultrapassando assim os aspectos economicistas e lucrativos que ameaçam a arte e a cultura actuais, prisioneiras do útil e tecnocrata; em Fátima, na bênção das velas, define a assembleia de velas acesas como um mar de luz à volta desta singela capelinha», e, para lembrar a universalidade da redenção, incluindo Nossa Senhora, afirma que nem Ela nem nós gozamos de luz própria»; na homilia do dia treze, apresenta-se como peregrino e repete cinco vezes em forma progressiva o «vim» do caminhante: «vim» para ouvir Maria, «vim» para me congratular, «vim» para sentir a Igreja, «vim» para confessar a fé, «vim» para pedir pelo Clero; na despedida do Porto, recorre à linguagem familiar de quem pede desculpa por não poder aceitar o convite de permanecer mais tempo e se despede com mágoa.



Em todos os textos, o Papa não usa uma única vez a palavra «relativismo», ele que desde sempre vem sendo o campeão na denúncia desse desvio da cultura moderna, mas, tratando-se de um tema de escola e opaco para muita gente, prefere falar da «perenidade» de Jesus Ressuscitado, da «fidelidade» dos Padres e Consagrados, e da

«fortaleza» dos cristãos.

Quem já conhecia os livros de Bento XVI encontra nos seus discursos a sua teologia, a sua linguagem e o seu esquema de pensamento, mas não deixa de admirar a capacidade de transmitir às multidões de forma tão bela e aparentemente tão simples.

Joaquim Gonçalves,  
Bispo de Vila Real

**Editorial A.O**  
**publica discursos de**  
**Bento XVI em Portugal**

A Editorial AO acaba de publicar o livro «Papa Bento XVI em Portugal – Homilias, Discursos e Saudações», que apresenta as homilias, discursos e orações proferidas por Bento XVI, na sua primeira viagem enquanto Papa a Portugal, entre 11 e 14 de Maio de 2010.

O livro recolhe também as palavras dirigidas pelo Presidente da República, por vários Bispos portugueses, pelo representante do mundo da cultura e pelo Secretário de Estado do Vaticano em Fátima. Dá igualmente a conhecer as questões colocadas pelos jornalistas no voo para Portugal, e as respostas do Sumo Pontífice, o telegrama de agradecimento e a intervenção, já em Roma, na audiência geral que se seguiu à viagem, viagem essa na qual Bento XVI deixou aos portugueses uma mensagem de esperança, de diálogo, de fé no Senhor Jesus e na poderosa intercessão da Virgem Maria.



Nessa audiência, o Santo Padre considerou que a presença em Portugal foi «uma experiência comovente e repleta de muitos dons espirituais. Enquanto permanecem fixas na minha mente e no meu coração as imagens desta viagem inesquecível, o acolhimento caloroso e espontâneo, o entusiasmo das pessoas, louvo o Senhor porque Maria, aparecendo aos três pastorinhos, abriu no mundo um espaço privilegiado para encontrar a misericórdia divina que cura e salva».

No discurso de despedida, no Porto, Bento XVI, manifestando-se alegre por «ser testemunha da fé e devoção da comunidade eclesial portuguesa», disse esperar que esta sua viagem «se torne incentivo para um renovado impulso espiritual e apostólico».

O livro, com 208 páginas, pode ser comprado através do endereço electrónico <http://apostoladodaoracao.pt/catalog/> ou nas livrarias.

## ANO SACERDOTAL: TERMINAR, AVALIAR... PARA RECOMEÇAR DE NOVO!

Olhando os documentos programáticos do Papa Bento XVI e da Congregação para o Clero para o Ano sacerdotal vemos que a Igreja desejava que este fosse celebrado em todo o mundo e em cada diocese. Desejava ainda que fosse um ano positivo e prepositivo, ou seja, um ano para destacar o grande valor do padre e apontar caminhos para sua realização, para um cumprimento feliz da sua missão. Com isto a Igreja queria dizer ao mundo que ama e admira os seus padres e que eles são importantes para a Igreja e para a sociedade.

Os padres têm a missão de ajudar as pessoas a terem um encontro pessoal com Jesus Cristo. Mas este encontro só é possível com a ajuda da graça de Deus a quem o padre deve estar sempre muito próximo, como dizia o Cura d'Ars. Se faltar este encontro pessoal com Cristo a moral e a doutrina tornam-se impositivas e arbitrarias. Daí a necessidade de aprofundar a reflexão sobre a identidade e a espiritualidade do padre.

Nestes documentos vemos ainda que a Igreja, ao longo deste Ano Sacerdotal, convidava a uma reflexão mais profunda sobre alguns desafios que se colocam à vida e exercício do ministério ordenado. Recordemos alguns deles:

**A nova realidade cultural em que se vive o ministério.** A cultura pós-moderna com o seu relativismo, subjectivismo, secularismo e hedonismo tornou-se um desafio para o padre, que nesta cultura, é chamado a viver e a testemunhar a sua vocação. O padre é fruto desta cultura e por ela é continuamente influenciado. O Ano Sacerdotal procurou ajudar os padres a fazerem uma profunda reflexão sobre esta cultura, conhecer as suas origens e as suas características, pois só assim poderão entender-se melhor a si mesmos e o mundo que devem conduzir para Jesus Cristo.

**Realidades específicas.** Algumas questões que tocam a realidade dos padres: a diminuição do número de padres, um clero envelhecido, isolamento,

solidão, rotina e activismo no exercício do ministério, alguma campanha feita nos meios de comunicação social para desmoralizar os padres...

**Cultivar a dimensão espiritual.** Percebe-se a necessidade de aprofundamento espiritual dos padres. Somente com uma profunda espiritualidade o padre pode encontrar o seu lugar no mundo, realizar-se e ser feliz. O padre precisa redescobrir o discipulado, ser um verdadeiro discípulo de Jesus. Refazer a sua adesão a Ele, entregar-se sem reservas para não cair no activismo. Muitos fazem bem as coisas de padre, mas não sabem ser padres.

**Redescobrir a dimensão profética do anúncio e da missão.** Muitos padres foram educados e formados para serem párocos vivendo exclusivamente em função das suas comunidades. O padre precisa sentir-se enviado a todos, principalmente a aqueles que estão fora da comunidade procurando evangelizar os corações.

**Promover a formação Permanente.** Rever, nas dioceses, este processo de formação permanente, pois se todas as pessoas precisam de formação até o fim da vida, muito mais ainda quem está à frente da comunidade. Sem formação o padre torna-se autoritário e acaba por prejudicar a comunidade impedindo-a de crescer. A formação permanente deve ser uma atitude constante de revisão da nossa forma de pensar e de entrar em acção como pastores.

**Estatuto económico do clero.** Criar condições para que os padres tenham condições monetárias dignas para exercerem o seu ministério sem dependências económicas.

**Fraternidade sacerdotal.** Reforçar a fraternidade no presbitério diocesano. Redescobrir o dom do celibato nas dimensões histórica, teológica, espiritual e pastoral, viver a fraternidade presbiteral, rever e fortalecer a relação entre os padres e o bispo, favorecendo o crescimento do amor fraterno no presbitério diocesano. A fraternidade presbiteral é de fundamental importância para a vida do padre no presbitério. Cada diocese deveria promover iniciativas de que favorecessem este objectivo: encontros do bispo com cada padre em particular, encontros de padres, retiros, colecções espirituais, jornadas de estudos, congressos, peregrinações...

Tendo em conta estes desafios programáticos e reflectindo como eles foram concretizados na nossa diocese... chegamos à conclusão que ainda temos um longo caminho a percorrer...

Do que se escreveu e reflectiu sobre a vida e o ministério sacerdotal, seguindo um pequeno texto do bispo Aachen (Alemanha), apresentamos algumas conclusões deste Ano Sacerdotal que serão sempre um desafio:

- É mais importante a minha vivência de presbítero do que as coisas que faço enquanto presbítero.
- É mais importante aquilo que **Cristo** faz através de mim do que aquilo que eu faço.
- É mais importante que eu viva a **unidade no presbitério** em lugar de lançar-me sozinho no trabalho pastoral.
- É mais importante o serviço da **Oração, da Palavra, do Amor**, do que o fazer muitas coisas.
- É mais importante seguir espiritualmente os colaboradores do que **fazer sozinho** o maior número de actividades.



- É mais importante estar presente em **poucos, mas centrais sectores da pastoral**, com uma presença que irradia vida, do que estar em todos os lugares com pressa e a correr.
- É mais importante agir em unidade com o bispo, os padres e os paroquianos, do que sozinho, apesar das minhas capacidades. É mais importante a **comunhão** do que a **acção**.
- É mais importante, porque mais fecunda, a **cruz**, do que os resultados muitas vezes aparentes, frutos de qualidades e esforços humanos.
- É mais importante ter a **alma aberta ao conjunto** (Comunidade, Diocese, Igreja universal) do que

preocupado com interesses particulares mesmo que pareçam interessantes.

- É mais importante testemunhar perante todos a **fé, esperança, amor**, que satisfazer as exigências legalistas e os requisitos habituais”.

O Ano Sacerdotal termina, mas o Sacerdócio Ministerial perpetua-se na vida e no ministério do padre que está chamado a tornar-se cada vez mais um amigo de Jesus Cristo. O Senhor Jesus quer continuar a exercer o seu Sacerdócio por nosso intermédio. Assim o desafio não consiste apenas em procurar resolver situações de infidelidade, mas também

no fortalecimento da fidelidade sacerdotal e num renovado empenho na formação dos actuais e futuros padres. Por isso “o encerramento do Ano Sacerdotal não constituirá propriamente um encerramento, mas um novo início... Ao mesmo tempo, propomo-nos estar sempre atentos ao que o Espírito Santo nos quer dizer. Entretanto, voltaremos ao serviço de nossa missão na Igreja e no mundo com alegria renovada e com a convicção de

que Deus, o Senhor da história, fica connosco, seja nas crises seja nos novos tempos”(Cardeal Cláudio Hummes).

O tema proposto para o Ano Sacerdotal - “Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote” - tem validade permanente, pois é estímulo para uma renovada fidelidade à vocação recebida e à missão assumida, nas novas condições sociais e culturais em que vivemos. Daí a necessidade de continuar a formação permanente do Clero numa tríplice perspectiva: do ministério, do presbitério e da diocesaneidade. Como vamos responder a este desafio?

P. António Abel Canavarro

EM MURÇA

## Bispos, Presbíteros e Diáconos de Vila Real e Bragança em Assembleia

A 19 de Maio, o Clero das dioceses de Bragança e de Vila Real, unido aos respectivos Bispos, realizou uma assembleia de formação teológica e pastoral, integrada no dinamismo do Ano Sacerdotal ainda em curso. Já em Fevereiro passado houvera outra assembleia, dessa vez em Balsemão, e dedicada a «O Mistério Pascal na vida do Padre».

A assembleia de Murça teve como tema «Bispos, Presbíteros e Diáconos, termos e conteúdos», e

foi apresentado pelo Pe Dr. José Manuel Cordeiro, sacerdote de Bragança, Director do Colégio Português em Roma» e professor no «Anselmiano» de Roma, Instituto Universitário de formação litúrgica.

É sabido que Jesus na sua vida histórica nunca se apresentou como sacerdote, evitando ser integrado no culto judaico e confundido com os sacerdotes e levitas moisaicos. Todavia, toda a sua vida foi de «estilo sacerdotal» em que Ele se apresentou como Cor-

deiro, Sacerdote e Altar, substituindo as vítimas e os ritos anteriores pela entrega da sua própria vida como sacrifício. Por isso, mais tarde, um autor inspirado escreveria a «carta aos Hebreus» apresentando Jesus como um «novo Sacerdote», autor de um «novo Sacrifício», de uma «Nova Aliança» e de um novo culto.

Nos primeiros séculos, aparecem as referências ao «bispo», aos «presbíteros» e aos «diáconos», termos colhidos na cultura grega e transpostos com outro conteúdo para o interior da comunidade cristã. O Pe Cordeiro explicou o conteúdo teológico, litúrgico e a evolução histórica desses termos até ao tempo actual: o «Bispo ou episcopo» é o «vigilante»; os «presbíteros», literalmente

ou «os mais velhos», eram equivalentes aos «anciãos» do judaísmo, responsáveis pela comunidade, e para eles se transferiam alguns poderes sacerdotais; os «diáconos» ou servidores foram instituídos de modo permanente para serviços específicos da caridade e da administração, da pregação

como ministros de Cristo formando uma hierarquia ou Ordem. Esses três graus do sacramento da Ordem não são três graus do Sacerdócio, pois só os dois primeiros são sacerdotes.

O encontro serviu ainda para reforçar os laços de fraternidade dos dois presbíteros. A oração de Lau-



e da liturgia, mas nunca tiveram funções sacerdotais. Historicamente, estavam ao serviço do Papa e dos Bispos, como é o caso de S. Lourenço.

Concluindo, Jesus fez dos Apóstolos Pastores e Sacerdotes plenos, dando-lhes o poder de governar a Igreja no futuro de harmonia com as necessidades e exigências dos tempos. Os Apóstolos foram criando as estruturas convenientes a cada época, confiando os seus poderes que, até hoje, se fixaram nos Bispos, nos Presbíteros e nos Diáconos

des, cantada por noventa e três padres, e a conferência tiveram lugar no salão da Santa Casa da Misericórdia de Murça, generosamente cedidas para o efeito, e prolongou-se até às treze e trinta. O almoço, corrente e generoso, foi servido num restaurante da vila e nele tomaram parte oitenta e cinco padres e três bispos.

Ficou no ar o apelo a que no próximo ano se mantenha esta iniciativa pastoral nascida no Ano Sacerdotal.

Joaquim Gonçalves,  
Bispo de Vila Real

## Encontro dos alunos de Moral na Senhora da Pena

No passado dia 20 de Maio, realizou-se, na Senhora da Pena – Mouços, o 1º encontro de alunos de Educação Moral e Religiosa Católica da diocese de Vila Real, tendo como tema: “Subir a Montanha.”

Vila Real foi a cidade escolhida para acolher este primeiro encontro, sendo o santuário da Senhora da Pena o mais amplo e central da nossa diocese.

O dia começou com actividades radicais, lançamento de pombas, jogos diversificados. Ao meio-dia, o Senhor Bispo D. Joaquim Gonçalves presidiu a uma curta mas bela celebração da palavra. Seguiu-se o almoço partilhado. Da parte de tarde um conjunto musical animou todos com músicas de mensagem.

Este encontro visou sensibilizar toda a comunidade educativa para a importância desta disciplina e consciencializar todos os alunos que acreditando na disciplina de EMRC podem ser melhores, podem alcançar a felicidade, podem ser como Cristo.

A disciplina de EMRC na escola ajuda cada aluno, que deseja frequentar a aula, a construir o seu projecto de vida pessoal e social, colaborando, deste modo, na edificação de um cidadão activo, empenha-

do na construção de uma sociedade melhor.

Em tempo de renovação de matrículas é importante não desperdiçar esta oportunidade! Aos Párocos, catequistas, comunidade educativa, pais e encarregados de educação, apela-se para que zelem pelos seus direitos e não abdicuem da sua responsabilidade educativa

também na vertente religiosa.

Os professores de EMRC desta diocese, de forma corajosa continuam o trabalho árduo neste projecto educativo que desejam de qualidade ao serviço dos seus alunos e respectivas famílias.

O Secretariado Diocesano  
de EMRC de Vila Real



## Faleceu o Pe Américo

Natural da freguesia da Glória, Rio de Janeiro, Brasil, o Pe Américo Pereira Gonçalves nasceu a 15 de Setembro de 1921.

Frequentou Humanidades, Filosofia e Teologia no Seminário de Vila Real e foi ordenado padre a 8 de Julho de 1945.

Iniciou a vida pastoral em Cerva, como coadjutor do Pe André. Em 1947 foi nomeado pároco de S. Miguel da Pena e Vila Cova, onde permaneceu até 2004. Foi também pároco da Campeã entre 1991 e 1998.

Faleceu a 14 de Maio, ficando bsepultado em S. Miguel da Pena.

## Encontro de Liturgia

Decorreu nos dias 4 e 5 de Junho em Vila Real. Pretendeu-se dar formação a Orientadores da Celebração Dominical na Ausência do Presbítero. Neste sentido, foram convidados a estar presentes quem já presidiu ou possa vir a presidir a estas Celebrações.

Do programa constaram temas como «Sacerdócio Ministerial / Sacerdócio Comum dos Fiéis», «O Domingo», «Celebrações do Domingo na ausência do Presbítero – O Ritual» e «Como orientar uma Celebração – Modo e Modelo», bem como momentos de partilha de experiências.

## Vida contemplativa

A Irmã Raquel Silva nasceu no Porto, em 1974, mas viveu sempre em Vila do Conde. Formou-se em Línguas e Secretariado em 1995, e trabalhou durante três anos como Secretária. Ingressou no Mosteiro da Visitação de Vila das Aves no ano 2000, onde hoje se encontra.

*Este livro “Uma Atracção Irresistível” foi escrito a pedido de várias pessoas, depois de terem visto um programa da RTP, “Em Reportagem”, da autoria do jornalista Alberto Serra, que foi emitido em 07 de Novembro de 2007, sobre o caso da minha vocação.*

*Este jornalista conheceu-me por casualidade, chamou-lhe a atenção o facto de eu ser muito jovem (tenho 35 anos), e questionou-me acerca da minha vocação. Interesso-se pela minha história,*

*tive em conta o que conheço da sociedade actual e as reacções das pessoas ao programa, as perguntas que me fizeram, os aspectos que mais apreciaram, e o que as fez sentir reconfortadas.*

*O livro tem 3 capítulos, que abordam, respectivamente, a minha conversão e vocação, o sentido da vida religiosa contemplativa, e a questão do sofrimento e a fé. O tema deste último capítulo foi motivado pelo facto de sensivelmente metade das pessoas que nos telefonaram depois da emissão do programa, serem pessoas que estavam a viver situações de grande sofrimento e se terem sentido reconfortadas com o programa. O livro tem também um anexo sobre a Visitação, para quem desejar conhecê-la, e um conjunto de fotografias das irmãs no seu quotidiano. É um livro*



*ria e fez o programa.*

*A título de nota, o programa pode ser visto na Internet, no Youtube: [www.youtube.com/watch?v=mL8OSTKNGMg](http://www.youtube.com/watch?v=mL8OSTKNGMg)*

*Ao escrever o livro, para além de partilhar o meu percurso com o leitor,*

*breve, porque quase ninguém gosta de ler: tem 96 páginas e lê-se em cerca de 2 a 2 horas e meia. Tem uma linguagem simples e directa, porque desejo que o leitor se sinta como se estivesse em diálogo comigo.*

## Convivência Cursilista entre as Dioceses de Vila Real e Orense

No passado dia 16 de Maio o Secretariado Diocesano de Vila Real deslocou um grupo de cursilistas para a Diocese de Orense, mais propriamente para Monterrey. A reunião de trabalho foi subordinada ao tema “Comunhão e Missão do Leigo”

A “charla” foi apresentada de uma forma sublime, pelo Reverendo Padre D. Jorge Estevez.

O orador contou com a participação de 160 cursilistas e começou por referir que a vida de um leigo nasce da vida evangélica e que o primeiro momento em que somos chamados a realizar a nossa vocação de missionários é no Baptismo, e o segundo momento é no Sacramento do Crisma onde confirmamos a nossa vocação pelo testemunho.

Salientou que os leigos são chamados a ser santos e a comunicá-lo aos outros. A Oração é fundamental, pois faz falta á união com Cristo, para sermos espelhos d’Ele. É fundamental sermos professores e ensinar a rezar e depois dar testemunho, abrimo-nos á força do Espírito Santo, termos a preocupação de Ser, mais do que Fazer.

Quanto á missão do leigo é ser testemunho, santificar os ambientes, onde os padres não podem chegar.

Frisou que o campo de apostolado é onde nos movimentamos, onde podemos e devemos dar uma palavra oportuna no momento oportuno e o principal campo é a família, família que deverá ser

comunhão, os leigos e a hierarquia da Igreja, procurando soluções juntos, navegando todos na mesma barca e assim poderemos atingir os designios de Deus.

Seguiu-se uma reflexão



santuário de Fé, Esperança e Amor.

A nossa Fé deve ter sempre dois sentidos; um para o Alto, para Deus e outro para o lado no sentido do irmão. A Fé amadurece toda a nossa vida.

Temos de ser fermento, luz e sal, mas primeiro temos de O sentir.

Finalizou o D. Jorge Estevez, alertando á necessidade de estarmos em

xão por grupos e o almoço no Parador de Monterrey. Finalizou-se esta “convivência” com a Eucaristia concelebrada por três sacerdotes portugueses (P. Sérgio, P. Delmino e P. F. Pereira) e 4 sacerdotes espanhóis, na capela do castelo de Monterrey

De salientar o óptimo acolhimento e saudável convivência com os nossos irmãos espanhóis.

## ENCERRAMENTO DO MÊS DE MAIO

### na Senhora da Graça

No passado dia 30 de Maio realizou-se no Santuário de Nossa Senhora da Graça, paróquia de Vilar de Ferreiros, Concelho de Mondim de Basto, a peregrinação do Arciprestado do Baixo Tâmega que encerra de forma unitária, no Arciprestado, o mês de Maio, mês de Nossa Senhora. Nesse âmbito, foi proposto de acordo com o ano sacerdotal, que estamos a viver, que as 14 paróquias do Arciprestado fizessem uma reflexão partilhada sobre os Frutos e Dons do Espírito Santo, sublinhando a importância do sacerdócio comum dos fiéis como o centro vivencial do ser leigo na Igreja á luz do Evangelho.

A reflexão reuniu na caminhada, a partir da fonte do Salgueiro até ao Santuário, cerca de 1500 pessoas que foram apresentando as reflexões, acompanhadas de orações, cânticos, e da recitação do Rosário. Perante um dia agradável de um sol radiante, a peregrinação manteve um silêncio sagrado que é característico da peregrinação interiorizando as meditações. No final da meditação, houve a celebração campal da Eucaristia, tendo sido presidida pelo Pe. Álvaro Cunha, Vicentino, que tem desenvolvido um extenso e

profundo trabalho no Arciprestado do Baixo Tâmega como coordenador da Missão Popular, renovando a fé e a partilha nas diversas comunidades paroquiais do Arciprestado.

*Daniel Afonso, estagiário*





## Encerramento do Ano Sacerdotal a 11 de Junho

Aproximamo-nos do fim de um Ano Sacerdotal, no qual a Igreja foi convidada a meditar o sacerdócio em torno da figura de S. João Maria Vianney. Este ano dedicado ao Sacerdócio tem como data de encerramento a festa do Sagrado Coração de Jesus.

O Papa convidou os padres de todo o mundo para as celebrações conclusivas deste Ano Sacerdotal, de 9 a 11 de Junho, em Roma. Afirmou que o encontro, vai ser uma ocasião para meditar na conversão e na missão, bem como no dom do Espírito e na relação com a Virgem Maria, mas também uma oportunidade para os padres renovar as suas promessas

sacerdotais, sustentados por todo o povo de Deus.

Sublinhou ainda, que os padres devem conduzir os fiéis no rumo que Deus quer, e não na direcção que lhes “parece mais conveniente ou mais fácil”, apelando todavia que a acção dos padres exige uma “disponibilidade incondicional”, deixando que o próprio Cristo governe as suas vidas.

Tomando a iniciativa e os conselhos do Santo Padre, a celebração do **encerramento do Ano Sacerdotal na nossa diocese** será no dia 11 de Junho, Sexta-feira, com o

seguinte programa:

- 10h00 – Assembleia do Clero no auditório da casa Diocesana, meditação e balanço sobre o que foi o Ano sacerdotal na diocese;
- 11h30 – Eucaristia presidida pelo senhor Bispo, D. Joaquim Gonçalves, na Sé;
- 13h00 – almoço no Seminário.

São convidados, de modo especial, todos os padres da diocese e diáconos, juntamente com o povo cristão para participar na Eucaristia, na Sé.

Bruno Pires, aluno do 6º ano de teologia

## Jornada da Juventude a 10 de Junho

No próximo de 10 de Junho, decorrerão em Vila Real as jornadas diocesanas da Juventude. Será uma oportunidade para reunir os jovens católicos à volta do centro das suas vidas que é Jesus vivo e ressuscitado.

O dia começará às 09.45h com a chegada de diversos jovens provenientes de todos os Arciprestados da Diocese depois haverá o acolhimento junto da Sé na Avenida Carvalho Araújo e às 10.00h haverá a oração da manhã na Sé de Vila Real presidida pelo Bispo da Diocese, D. Joaquim Gonçalves.

Findada a oração haverá às 10.30h a preparação para o Peddy-paper tendo a partida dos grupos sido agendada para as 10.45h. Este ano o tema do Peddy-Paper será, como não podia deixar de ser, sobre o Ano Sacerdotal.

Terminado o Peddy-Paper às 12.15h haverá uma oração no Auditório do Seminário de Vila Real, seguindo-se o almoço às 13.00h que decorrerá no Refeitório do Seminário de Vila Real.

Da parte da tarde, teremos, às 14.45h, a abertura da tarde musical, com a actuação de uma Ban-

da Juvenil, o Festival da Canção Juvenil, um tributo aos Antigos Membros da Direcção da AJM e do SDPJ, a Votação e última interpretação da canção vencedora e a entrega dos respectivos prémios para as canções e para o Peddy-Paper.

As actividades terminarão às 17.30h com a Oração final que dita o encerramento das actividades desta Jornada Diocesana.

Caso necessitem de informações é favor contactar o [sdpjvr@gmail.com](mailto:sdpjvr@gmail.com) e para inscrições [www.jovensdomarao.com](http://www.jovensdomarao.com).

### Vai Acontecer

#### Junho

- 3 - Corpo de Deus
- 4-5 - Jornada Diocesana da Pastoral Litúrgica, na Casa Diocesana
- 6 - Dia da Diocese, na Senhora da Saúde, Saudel, Sabrosa
- 11 - Festa do Sagrado Coração de Jesus - Encerramento do Ano Sacerdotal: Assembleia Diocesana do Clero em Vila Real
- 12 - Acção de Formação para Professores de EMRC, na Casa Diocesana
- 13 Conselho Diocesano de Pastoral, entrega de sugestões para o novo ano pastoral, na Casa Diocesana
- 20 - Ultreia Diocesana (Cursos de Críandade)
- 28 - Aniversário da entrada solene de D. Joaquim Gonçalves na Diocese

#### Julho

- 1 - Conferência: Sacerdócio Baptismal e Sacerdócio ministerial, em Vila Real
- 2 - Vigília de Oração (Todos os Secretariados), na Sé
- 4 - Bodas de Ouro sacerdotais de D. Joaquim e Ordenações, na Sé
- 12-16 - Retiro Diocesano do Clero, Seminário
- 19-20 - Reunião de Programação do Novo Ano Pastoral, Lamego
- 19-21 - Estágio de admissão de novos alunos, Seminário